

A DESINFORMAÇÃO E OS DISCURSOS AUTORITÁRIOS: A DEMOCRACIA AMEAÇADA E O DESAFIO À EDUCAÇÃO

Lidiane Fatima Grützmann¹

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Flávia Inês Schilling²

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

RESUMO

O texto propõe uma reflexão sobre a desinformação enquanto pressuposto de veiculação de discursos autoritários com alto poder de sedução das novas gerações hiper conectadas. Hannah Arendt (2016a, 2016b, 1989) analisou a comunicação política no nazismo e verificou a presença de mentiras, entre outras estratégias de manipulação em prol de um projeto autoritário. O exercício demonstrou que a análise das técnicas de comunicação política mostra-se eficiente na identificação e prevenção a ascensão de novos autocratas. No discurso “Aspectos do novo radicalismo de direita”, proferido aos estudantes da Universidade de Viena, Adorno (2020) apresenta a propaganda como um mecanismo eficaz de transformação de mentiras em verdades, explica seu funcionamento e os principais truques de manipulação amplamente utilizados pelos movimentos extremistas antidemocráticos. É de extrema importância a divulgação destes indicadores diante do início da digitalização da política, conforme nos atualiza a antropóloga Cesarino (2019, 2020 e 2021). A mesma nebulosidade que impede a diferenciação da verdade e da mentira nos novos espaços de comunicação política disfarça o discurso com potencial autoritário e se configura como risco à democracia e um grande desafio à educação das novas gerações. No sentido de contribuir com a reflexão, criamos uma tabela comparativa das principais técnicas de manipulação discursiva presentes no extremismo da década de 30 e a evolução destas estratégias em tempos de cibernética. Este recurso pretende servir de subsídio informativo para criação de estratégias didáticas para prevenção de novos extremismos e fortalecimento dos processos democráticos.

Palavras-chave: Desinformação. Autoritarismo. Democracia. Educação.

MISINFORMATION AND AUTHORITARIAN DISCOURSES: THE THREATENED DEMOCRACY AND THE CHALLENGE TO EDUCATION

ABSTRACT

The text proposes a reflection on disinformation as a presupposition for the propagation of authoritarian discourses. Hannah Arendt (2016) analyzed political communication in Nazism and verified the presence of lies, among other manipulation strategies in favor of an authoritarian project. The exercise demonstrated that the analysis of political communication techniques proves to be efficient in identifying and preventing

¹ Doutoranda em Educação e Ciências Sociais: Desigualdades e Diferenças, pelo departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Universidade de São Paulo. Professora da Rede Jesuíta de Educação. E-mail: lidigrutzmann@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1775-1778>

² Professora Associada Sênior do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação. Livre Docente pela Faculdade de Educação da USP, Doutora em Sociologia pela FFLCH-USP. flaviaisichilling@gmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5126-8507>

the rise of new autocrats. In the speech "Aspects of the new right-wing extremism", delivered to students at the University of Vienna, Adorno presents publicity as an effective mechanism for transforming lies into truths, explains its functioning and the main manipulation tricks widely used by antidemocratic extremist movements. It is extremely important to disclose these indicators in the face of the beginning of the digitization of politics, as updated by the anthropologist Cesarino (2019, 2020 and 2021). The same cloudiness that prevents the differentiation of truth and lies in the new spaces of political communication disguises the discourse with authoritarian potential and configures itself as a risk to democracy and a challenge to the education of the new generations. To contribute to the reflection, we created a comparative table of the main discursive manipulation techniques present in extremism in the 1930s and the evolution of these strategies in cybernetics. This resource intends to serve as a subsidy for the creation of didactic strategies to prevent new extremisms and strengthen democratic processes.

Keywords: Misinformation. Authoritarianism. Democracy. Education.

DESINFORMACIÓN Y DISCURSOS AUTORITARIOS: LA DEMOCRACIA AMENAZADA Y EL DESAFÍO DE LA EDUCACIÓN

RESUMEN

El texto propone una reflexión sobre la desinformación como presupuesto para la propagación de discursos autoritarios. Hannah Arendt (2016a, 2016b, 1989) analizó la comunicación política en el nazismo y constató la presencia de la mentira, entre otras estrategias de manipulación a favor de un proyecto autoritario. El ejercicio demostró que el análisis de las técnicas de comunicación política demuestra ser eficiente para identificar y prevenir el surgimiento de nuevos autócratas. En la ponencia "Rasgos del nuevo radicalismo de derecha", impartida a estudiantes de la Universidad de Viena, Adorno presenta la propaganda como un mecanismo eficaz para transformar mentiras en verdades, explica su funcionamiento y las principales artimañas de manipulación muy utilizadas por los antidemocráticos. movimientos extremistas. Es de suma importancia divulgar estos indicadores de cara al inicio de la digitalización de la política, tal como lo actualiza la antropóloga Cesarino (2019, 2020 y 2021). La misma nubosidad que impide diferenciar la verdad y la mentira en los nuevos espacios de comunicación política disfraza el discurso con potencial autoritario y se configura como un riesgo para la democracia y un problema para la educación de las nuevas generaciones. Para contribuir a la reflexión, creamos un cuadro comparativo de las principales técnicas de manipulación discursiva presentes en el extremismo de los años 30 y la evolución de estas estrategias en la cibernética. Este recurso pretende servir como subsidio para la creación de estrategias didácticas para prevenir nuevos extremismos y fortalecer los procesos democráticos.

Palabras clave: Desinformación. Autoritarismo. Democracia. Educación.

INTRODUÇÃO

O divórcio entre a verdade dos fatos e os discursos políticos já foi constatado e divulgado por pesquisadores das mais diferentes áreas do conhecimento. Por mais que pareça um fenômeno contemporâneo, notadamente presente na comunicação política midiática responsável pela vitória do Brexit no Reino Unido, na eleição de Donald Trump nos Estados Unidos ou a de Jair Bolsonaro no Brasil, as inverdades fazem parte do jogo político presente desde o berço da democracia. O que se entende por Fake News hoje deve ser visto como parte de um continuum de formas de comunicação política muito anteriores ao século XX e a chegada da internet. Hannah Arendt (2016a, p.298), filósofa política, lembra que Platão, ainda que abominasse a mentira, defendia

que um governante poderia mentir, desde que fosse do interesse ou em proteção aos interesses da pólis. O conceito que sustenta a noção de *Fake News* é a pós-verdade, momento em que a verdade se distancia dos fatos e se aproxima dos apelos emocionais e crenças pessoais, o oposto da concessão feita por Platão para defender uma mentira.

Hannah Arendt (2016a) analisou a comunicação política no período do nazismo alemão e verificou a presença não só de mentiras de toda natureza, mas de uma série de estratégias de manipulação, atração e convencimento de uma população em prol de um projeto explicitamente autoritário. O exercício realizado por ela demonstrou que a análise das técnicas de comunicação política mostra-se eficiente na identificação e prevenção à ascensão de novos governantes autoritários. Em seu texto *A Crise da Educação*, Arendt (2016b) demonstra preocupação sobre o modo como a crise de autoridade encontra as novas gerações. Entendemos que esta crise é um fator para a rápida cooptação dos jovens aos novos grupos extremistas e, por isso, um grande desafio para o futuro da democracia.

O mesmo expediente técnico da propaganda totalitarista foi analisado, pesquisado, atualizado e anunciado por Theodor Adorno (1967) no discurso *Aspectos do novo radicalismo de direita*, proferido aos estudantes da Universidade de Viena. A novidade nestes extremismos, segundo ele, é o refinamento das estratégias de manipulação, agora adaptadas a um novo cenário onde há leis antissemitas e antinazistas. Os novos movimentos não necessariamente se valem da invenção de mentiras deliberadas, como afirmava Hannah Arendt em referência ao contexto da Segunda Guerra Mundial; mas se valem de verdades fora de contexto, distorcem e instalam dúvidas sobre a interpretação que se faz delas, além de se nomearem democráticos, por exemplo.

É de extrema importância a ampla divulgação destas estratégias diante da mudança profunda que a comunicação e o jornalismo sofreram nas últimas décadas, desde o início da digitalização da política e do advento das plataformas de transmissão de informação e dados, conforme nos atualiza a antropóloga Letícia Cesarino (2019, 2020 e 2021). O que há de novo, em tempos de cibernética, é que a comunicação

política se digitaliza e é mediada por mecanismos de busca, cookies, pelas mídias sociais distribuídas e organizadas por platôs algorítmicos que impedem a circulação de conteúdos díspares e perspectivas outras. Enquanto as plataformas radiofônicas transmitem para muitos ouvintes o discurso do líder, a digitalização da política permite a disseminação de um sem-número de discursos traduzidos, reinterpretados, repetidos e de fácil assimilação. Este conteúdo polissêmico é marcado pela técnica da bricolagem, isto é, apresenta áudios e vídeos montados, cortados e colados respeitando não a realidade e a verdade factual, mas a semelhança e coerência com o discurso do líder. Neste novo cenário, as assim chamadas técnicas de produção social da ignorância já vistas por Arendt são reutilizadas, atualizadas e adaptadas agora sob o nome de *Fake News*, ou a rigor: Desinformação Adversarial, Táticas e Técnicas de Influência (DATTI), ou ainda comportamentos inautênticos coordenados.

O conjunto de nossas análises revela que a digitalização da política, ao mesmo tempo que democratiza o acesso à informação, cria um sistema de rede que sustenta um fluxo comunicacional que confunde verdade e mentira, fatos e crenças, medos e desejos. É preciso que a escola seja um local de acolhimento das tecnologias e de preparação das novas gerações para seu uso a favor do fortalecimento da cidadania e dos processos democráticos.

AS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS DA MENTIRA

Existe democracia sem verdade factual?
(BUCCI, 2019)

O questionamento escolhido como epígrafe para dar início às nossas reflexões sobre as implicações políticas da mentira é título de uma obra escrita pelo professor e jornalista Eugênio Bucci (2019) da Universidade de São Paulo. Esta problematização leva o autor a inquirir pensadores como Aristóteles, Maquiavel, Weber e Arendt sobre as distâncias que se abrem entre a verdade e os fatos; da mesma forma que o levou a analisar alguns fatos políticos de amplo impacto midiático sob a mesma perspectiva. De fato, esta problematização representa uma das maiores preocupações políticas contemporâneas, tendo em vista o agravamento do estado de crise da democracia

brasileira, notadamente na última década: a democracia poderá resistir a um contexto de relativização da verdade? Estendemos a questão para o campo da educação - em um contexto em que a verdade é relativa, qual a validade dos processos educativos? O argumento apresentado pelo professor Bucci, já no início de sua obra é que, sem a verdade dos fatos, tanto o projeto democrático quanto a própria política se tornam inviáveis:

A democracia teria então o dever de zelar permanentemente por essa função política muito importante que consiste em divulgar a informação, sem a qual não poderia existir. De sua parte, a política, mesmo para se proteger de si mesma e evitar que as crenças que normalmente cultiva se transformem em fanatismos irracionais, precisa buscar ancorar suas decisões nos fatos e, dessa maneira, encontrar sua textura adequada. (BUCCI, 2019. p.27) ³

Para amparar sua argumentação, Bucci estabelece um diálogo mais próximo com a filósofa alemã Hannah Arendt, de quem toma de empréstimo a noção de verdade factual. Esta noção será vista como fundamental para amenizar a corrosão que a desinformação acarreta a política e na democracia contemporânea. Motivados pelas problematizações do autor, buscamos diretamente nos textos de Arendt alguns matices de compreensão do quão imprescindível é a verdade para a democracia e para a educação. Além do texto *Verdade e Política* (2016), parte da obra *Entre o Passado e o Futuro*, buscamos o texto *A propaganda totalitária* (1989), parte da obra *Origens do totalitarismo* para elucidar o tipo de comunicação política característico de governos autoritários e sua relação com a mentira. No texto *A crise da educação* (2016) a autora matiza nuances da crise que vamos relacionar com o problema da verdade.

Uma primeira visão panorâmica dos textos de Hannah Arendt nos abre duas perspectivas teóricas: a primeira apresenta a verdade e a liberdade de pensamento e opinião como elementos estruturantes da vida pública; a segunda mostra a propaganda – entendida como forma de comunicação política – como elemento corrosivo desta estrutura por separar a verdade e os fatos em si em campos distintos. Vamos focar nossas análises nesta segunda perspectiva e nos exames que Arendt

³ Para aprofundamento, sugerimos a leitura do artigo *Pós-política e corrosão da verdade* de Eugênio Bucci. Revista USP, (116), 19-30. 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i116p19-30> Acesso em 20/09/2022

realiza para caracterizar o tipo de verdade que se associa melhor com os fatos e, por sua vez, com a noção de política.

No texto *Verdade e Política* escrito em 1961, Arendt distingue as verdades filosóficas das chamadas verdades factuais ou políticas. As verdades filosóficas, racionais ou axiomáticas, são exercícios da razão humana que, resgatando o exercício feito por Platão, iniciam com o espanto (*thaumazein*), atravessam a seara do inefável e seguem em busca da medida invisível. Sendo assim, as verdades que servem ao mundo das coisas comuns e, portanto, à política, não são filosóficas, mas factuais. Estas referem-se à narrativa honesta e autêntica de fatos e eventos produzidos coletivamente, em conformidade com o compromisso assumido por Heródoto – *Légein tá eóntha* – de dizer somente aquilo que é verdadeiro, que cumpre fidedignidade com os acontecimentos, tal como ocorreram. Para que a narrativa de um evento se configure como verdade factual, é preciso que haja testemunhas, evidências e comprovações. Deste modo, uma verdade factual jamais será opinião, fatos e acontecimentos não podem admitir contrapontos nem ser objeto de disputa. Pode-se discutir, opinar e teorizar sobre as verdades filosóficas, sobre a natureza do bem ou sobre o princípio essencial da natureza. Entretanto, a verdade factual é inquestionável e irrefutável: João morreu, a gasolina subiu, o prazo expira amanhã, o exame deu positivo, Maria foi demitida, a Terra não é plana, entre outros. Entendemos que diante da desordem informacional instalada sobre nosso estado de coisas e joga tentáculos sobre nossa prática docente, a escola tem uma tarefa primordial a ser retomada – estabelecer uma distinção entre estes discursos, o que é verdade factual e sua importância e as mentiras deliberadas que tomam a cena jornalística contemporânea.

Essa caracterização arendtiana estabelece a verdade como um limite para a política. Se entendemos a educação é um ato político, então este é, um limite que, como educadores, devemos considerar: “o que eu queria mostrar aqui é que toda essa esfera [da verdade dos fatos], [...] é limitada – ela não abarca a totalidade da existência do homem e do mundo. Ela é limitada por aquelas coisas que os homens não podem modificar à sua vontade.” (ARENDR, 2016. p.341) No momento em que este limite é ultrapassado, ou seja, quando os indivíduos criam contrapontos às verdades factuais,

eles não estão manifestando opiniões, mas construindo mentiras deliberadas que desgastam a dignidade da política e da vida pública. Quando o compromisso de Heródoto é ignorado e a mentira ocupa um lugar no cenário político, ocorrem mudanças na letra da História, na memória coletiva e na própria elaboração do passado e do futuro.

Em seu texto *A crise da educação*, a pensadora Hannah Arendt (2016, p.231) afirmou a dificuldade em se considerar e dar à educação a merecida atenção quando se instala sobre a sociedade um espectro geral de crise. A crise da educação se torna algo menor e com menos importância diante de uma guerra mundial, de um genocídio ou, como é o caso, da desordem informacional. Todas as atenções ficam voltadas para estes acontecimentos, como se a educação não tivesse qualquer envolvimento nestes processos. Assim, se poderia pensar que todas as forças políticas se dedicariam à busca de respostas para as crises estruturantes: reestabelecimento da paz e cura das doenças, e a educação seria um assunto que ficaria *em espera*, isto é, aguardaria sem gerar maiores problemas que as grandes questões – ou as questões dos adultos – fossem resolvidas antes. No entanto, “se isso fosse verdadeiro, a crise em nosso sistema escolar não se teria tornado um problema político e as autoridades educacionais não teriam sido incapazes de lidar com ela a tempo” (*idem*).

Arendt entende que a crise que se reflete na educação pode ser uma oportunidade para que sejam feitas reflexões a respeito do que é preciso fazer para que se possa renovar o mundo comum: “é a oportunidade, proporcionada pelo próprio fato da crise — que dilacera fachadas e oblitera preconceitos – de explorar e investigar a essência da questão em tudo aquilo que foi posto a nu.” (ARENDR, 2016, p.232) E completa com uma exortação - se a oportunidade dada pela crise não for aproveitada, ou se reagirmos a ela com preconceitos, ela pode vir a se tornar um desastre completo. É assim que a autora declara seu interesse político, e não pedagógico - pela crise na educação, como nos apresenta o professor José Sérgio Fonseca de Carvalho (2014) no artigo *Política e educação em Hannah Arendt: distinções, relações e tensões*. Estas exortações ainda são de um valor inestimável para nós que a (re)lemos no auge de uma crise generalizada décadas depois de sua publicação.

Um pensador que tem muito a contribuir com esta discussão é Paul Ricoeur. Ele trabalhou profundamente a distinção entre memória individual e memória coletiva na obra *A memória, a história, o esquecimento*. Para ele, as chamadas “políticas de esquecimento” têm como principal estratégia a deturpação das verdades factuais pela produção de uma amnésia coletiva. “O esquecimento é o desafio por excelência oposto à ambição de confiabilidade da memória.” (RICOEUR, 2007. p.425). Assim, é pelo respeito que se deve às vítimas de um passado sombrio e seus familiares que precisa ser cumprido o “dever da memória”, ou seja, a narrativa histórica fidedigna é uma forma de justiça coerente com o que Arendt chama de a “ética da responsabilidade pública”. Em nossos dias, as políticas de esquecimento continuam sendo sistematicamente praticadas por movimentos revisionistas que acabam sendo repetidos pelos estudantes atraídos por conteúdos e vídeos de *youtube* criados por falseadores e novidadeiros que insistem em narrar o golpe civil militar como revolução gloriosa, por exemplo⁴.

As narrativas inventadas que recontam o passado desprezando e distorcendo as verdades factuais engendram um mundo fictício, a exemplo das ideologias totalitárias. É o que Hannah Arendt busca compreender na obra *Origens do totalitarismo* (1989), mais especificamente no texto *A propaganda totalitária*. Ela realiza esforços para compreender a narrativa ou o modelo de comunicação política utilizado pelos movimentos totalitários que foi capaz de persuadir e conquistar o apoio de grande parte da população alemã no período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial. Este modelo é a propaganda. O discurso publicitário empregado decorria principalmente da importância que aquela sociedade dava ao trabalho e ao consumo. Laborar, consumir e pertencer eram expressões de uma vida bem-sucedida e profundamente desejada. Sendo assim, os partidos totalitários europeus não criaram ou inventaram um padrão de comunicação política, mas copiaram e adaptaram artifícios publicitários comerciais que já eram empregados nos Estados Unidos da América.

⁴ Como exemplos de pensamento revisionista temos o autor Paul Rassinier que pretende desconstruir a ideia de ter havido um holocausto e, no Brasil, o historiador Marco Antônio Villa, que pretende recontar a história da ditadura classificando como terroristas os opositores ao regime.

Arendt, em análise das estratégias de propaganda dispostas no *Mein Kampf*, narra a publicidade de sabonetes descrita por Hitler⁵. Ele descreve que uma propaganda de sabonetes, por exemplo, não é eficiente quando admite que outras marcas podem também ser boas, de onde se deduz que a propaganda seria mais eficiente se comunicasse que não há e nem pode haver outra opção de sabonetes, deve informar que se ele não for usado, as mulheres ficarão cheias de espinhas e ficarão solteiras para sempre. “Há um certo elemento de violência nos imaginosos exageros publicitários, [...] há um arrojado sonho monopolista, o sonho de que, algum dia, o fabricante do “único sabonete que evita espinhas” tenha o poder de privar de maridos todas as mulheres que não o usem.” (ARENDDT, 1989. p.451). O sucesso destas estratégias pode ser atribuído ao fato de que a sociedade de massa tinha como tendência e característica ignorar o valor da verdade factual diante da adesão e pertencimento a um sistema:

A eficácia desse tipo de propaganda evidencia uma das principais características das massas modernas. Não acreditam em nada visível, nem na realidade da sua própria experiência; não confiam em seus olhos e ouvidos, mas apenas em sua imaginação, que pode ser seduzida por qualquer coisa ao mesmo tempo universal e congruente em si. O que convence as massas não são os fatos, mesmo que sejam fatos inventados, mas apenas a coerência com o sistema do qual esses fatos fazem parte. (ARENDDT, 1989. p.401)

As estruturas fictícias engendradas pelos movimentos totalitários são mais nítidas, fixas e mais facilmente assimiladas do que a realidade complexa, diversa e marcada pela diferença e pelo dissenso. A realidade exige atualizações dos fluxos que se alteram a partir da facticidade e cotidianidade dos sujeitos. Sendo assim, a propaganda não exige que o público realize grandes exercícios racionais para compreensão destes fluxos, nem tem por princípio provocar um debate público, por exemplo. Ela oferece, sempre de forma pronta, uma narrativa já construída e interpretada e um padrão de comportamento perfeitamente adequado ao perfil daquele grupo social. Este motivo deveria fazer com que as escolas se preocupassem sobremaneira com a proteção dos estudantes expostos a estes princípios autoritários

⁵ O capítulo VI da obra *Mein Kampf*, analisado por Arendt, é intitulado: “Propaganda de guerra”.

que retornam historicamente de diferentes formas e que voltou a nos assombrar agora, na segunda década do século XXI.

O uso das estratégias da publicidade comercial norte americana pelos movimentos totalitários consolida a propaganda como forte instrumento de transformação de verdades factuais em mentiras deliberadas e inaugura um novo padrão de comunicação política cujos impactos foram exponencialmente ampliados a partir da chegada da internet. A propaganda nos contextos totalitários pode ser entendida como uma farsa que manipula a própria realidade com o objetivo de alcançar a adesão daqueles que ainda não eram membros do partido, uma vez que aos membros, o discurso era da ordem da doutrinação ideológica. “O Führer entretinha os seus convidados na tentativa de conquistá-los” (ARENDETT, 1989. p.448). Para alcançar novos adeptos, a comunicação política era estruturada a partir de uma série de técnicas e estratégias que Hannah Arendt aborda e que vamos apresentar brevemente a partir de agora⁶.

A estratégia mais comum era o uso direto das mentiras deliberadas. Hitler mentia para não chocar a população externa ao partido sobre seu real intento. Por exemplo, no verão de 1942, ele faz um discurso anunciando que apenas expulsaria os judeus da Europa, enviando-os para a Sibéria ou para a África, quando as câmaras de gás já estavam em construção desde a primavera de 1941⁷. Nos discursos, se notava a prioridade dada aos tópicos marcados pelo mistério, superstições, histórias alarmantes e conspirações que construía um inimigo e o apresentavam como um mal terrível, sempre à espreita para destruir o mundo tal como é conhecido. Contra este fantasma, não é possível se proteger sozinho, é preciso união de forças e proteção comum. As massas acreditavam nessas histórias como crianças atraídas por histórias de terror. Como dito anteriormente, nestes grupos a verdade não depende dos fatos, mas da coerência entre a narrativa e a ideologia, do instinto de autopreservação e da esperança de superação do “caos”. Assim, a partir do momento em que Hitler passa a

⁶ É interessante notar que essas e outras estratégias foram também mapeadas e atualizadas por Theodor Adorno no texto Aspectos do novo radicalismo de direita.

⁷ A descrição e a fonte do discurso juntamente com a menção dos documentos que comprovam o início da construção das câmaras de gás, encontram-se em uma longa nota de rodapé na página 448 da obra Origens do Totalitarismo.

ser associado à esperança, ele passa a abordar mais claramente as atrocidades do seu projeto, contudo, ele não é levado a sério pela população, que acreditava que ele estava sendo vago, cometendo um chiste ou exageros de linguagem, apenas. O que confirma a percepção de Arendt que estes grupos não confiam em seus olhos e ouvidos, mas apenas em sua imaginação.

A propaganda totalitária consistia, também, no anúncio de afirmações proféticas ou predições infalíveis, isto é, na preparação do público para um futuro que só poderá se cumprir quando e se o poder do líder for consolidado. O discurso profético é anunciado de forma a conferir legitimidade à autoridade do líder e tornar sua ação natural e indispensável para dar continuidade à própria história. “Os nazistas não hesitaram em lançar mão, no fim da guerra, de toda a força de sua organização ainda intacta para destruir a Alemanha do modo mais completo possível, a fim de que fosse verdadeira sua predição de que o povo alemão seria arruinado em caso de derrota” (ARENDR, 1989. p.448). O cientificismo ideológico também era utilizado como um expediente técnico da propaganda totalitária capaz de promover uma articulação entre a confiança das massas e a confiabilidade da ciência. Os nazistas nomeavam-se científicos, mas não utilizavam sequer os pressupostos questionáveis do positivismo ou o behaviorismo. Numa tentativa de “metodologizar a realidade” (AGUIAR, 2007b. p.15) criavam departamentos de pesquisa que seriam supostamente capazes de evidenciar com algarismos e fatos as mentiras inventadas, contudo, não alcançavam mais que burocracia, pois o suposto “método” não articulava teorias e hipóteses, nem fatos e decisões⁸.

Outros fatores que caracterizam a propaganda totalitária são os escândalos sensacionalistas contra a índole dos inimigos inventados e as indiretas, insinuações e ameaças contra aqueles que faziam oposição, que escolhem o lado “errado”. Este ponto da violência anunciada marca uma fronteira entre o uso da propaganda e a efetivação do terror, isto é, a perseguição, prisão, tortura e morte. Uma vez tomado o poder e instalados os campos de concentração, a propaganda pode ser abandonada. “Em outras palavras, a propaganda é um instrumento do totalitarismo, possivelmente

⁸ Como aprofundamento, sugerimos dois artigos do professor Odílio Alves Aguiar: Veracidade e propaganda em Hannah Arendt e A política na sociedade do conhecimento.

o mais importante, [...] o terror, ao contrário, é a própria essência de sua forma de governo.” (ARENDDT, 1989. p.449). O convencimento não é mais eficiente do que a eliminação daqueles que não servem como testemunhas da ficção.

Enquanto isso, as escolas alemãs na década de 30 eram vistas como centro, coração do partido, onde os futuros nacionais-socialistas aprenderiam tudo o que seria necessário para servirem a pátria com lealdade e dedicação. Ziemer (2006)⁹ destaca que o *führer* havia decretado que as escolas deveriam ser o centro do partido, por isso, a *Weltanschauliche Schulung* – disciplina ideológica (Id.) ocupava um importante lugar conforme demonstra o quadro de horários abaixo de uma *Grundschulen* escola elementar de Berlin-Schmargendorf, em 1939:

Quadro 1: Horário de aulas – escola *Schmargendorf* no período nazista

HORA		Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
1	8:00-8:45	Alemão	Id.	Id.	Id.	Id.	Id.
2	8:50-9:35	Geografia	História	Canto	Geografia	História	Canto
3	9:40-10:45	Ciência da raça	Id.	Id.	Ideologia	Id.	Id.
4	10:25-11:00	Intervalo com exercícios esportivos e anúncios esportivos					
5	11:00-12:05	Ciência doméstica com matéria, todos os dias					
6	12:10-12:55	Eugenética – biologia da saúde, alternadamente					

Fonte: Ziemer, G. *Educazione alla morte: Come si crea un nazista*, 2006, pg 94 (tradução nossa).

Tenho em minhas anotações uma cópia do horário semanal. O original pertencia a uma menina que não frequentava a escola *Schmargendorf*, mas outra escola ao norte de Berlim. Mas eles me garantiram que era um horário comum [entre as escolas]. Luísa, de 13 anos, explicou-me que este horário era apenas teórico e nem sempre cumprido. Atividades de festa e desfiles eram considerados mais importantes do que a escola. A professora havia dito que não faria sentido um programa definitivo para cada dia, pois todas as aulas tinham o mesmo objetivo. Em todas as lições você aprendia quem era Hitler e o que ele dizia e pensava. E cada lição lhes ensinava o que precisavam saber

⁹ A obra de Gregor Ziemer *Educazione alla Morte - Come si crea un nazista* (2006) apresenta subsídios de compreensão do modelo escolar e educação de massa durante o terceiro Reich. O autor recebe uma autorização de Bernhard Rust, ministro da educação nazista, para visitar as escolas alemãs dos mais diversos níveis. Nestas visitas, Ziemer recolhe uma quantidade riquíssima de documentos nas escolas visitadas e reúne-os em sua obra. Ele publica o conteúdo de suas descobertas em forma de reportagem nos Estados Unidos em 1943 e na Itália em 1944.

para se tornarem boas donas de casa e boas mães¹⁰. (ZIEMER, 2006, pg. 92)

Ziemer afirma que a escola nazista era uma verdadeira arma auxiliar do exército, e seus métodos pedagógicos e planejamentos didáticos eram mantidos em segredo tais como se fossem estratégias militares de defesa e de ataque.

Os regimes totalitários inventaram e aperfeiçoaram técnicas, estratégias e truques de convencimento e manipulação da massa que modificaram profundamente as formas de comunicação política. Conquistaram adesão popular por meio de uma propaganda sedutora e convincente à revelia dos fatos de em si, uma vez que, nestes regimes, a verdade dos fatos “depende exclusivamente do poder do homem que os inventa.” (ARENDDT, 1989. p. 399). Assumir, manter e aumentar o poder significava garantir a possibilidade de moldar os fatos de acordo com as mentiras anunciadas. Este modelo de comunicação política se desenvolveu, se modificou historicamente e, hoje, com o recurso da internet e o fenômeno da hiper conectividade, a propaganda ainda é um grande risco que nos encontra em sala de aula – e talvez o maior – para as democracias contemporâneas.

De volta ao texto *A Crise da Educação* (2016), lemos a grande preocupação que Arendt demonstra diante da crise de autoridade¹¹. Ela entende que o nascer de uma criança deve ser visto como a chegada de um estrangeiro que precisa ser acolhido e apresentado ao mundo. É esperado que, quem fará a introdução deste recém-chegado, deva ter uma boa preparação/formação e conhecer suficientemente os caminhos e os perigos, até que o estrangeiro esteja suficientemente consciente e seguro para não precisar mais dele. Nos perguntamos, o que acontece se o estrangeiro ignora ou recusa a autoridade do guia? O que acontece se nossas crianças não puderem contar com a autoridade de quem lhe repassará a herança de uma tradição

¹⁰ Tradução livre do trecho: *Ho tra le mie note una copia dell'orario settimanale. L'originale appaeteneva ad una ragazza che non frequentava la scuola di Schmargendorf, ma un'altra scuola a nord di Berlino. Ma mi assicurarono che era un orario tipico. La tredicenne Luisa mi spiegò che questo orario era solo teorico e ce non lo si seguiva sempre. Le attività del Partito e le parate erano considerate più importanti dela scuola. La maestra aveva detto che um programma definitivo per ogni giorno non avrebbe avuto senso, giacché tutte le lezioni avevano lo stesso scopo. In tutte le lezioni si imparava chi era Hitler, e cosa diceva e pensava. Ed ogni lezione insegnava loro quello che occorreva sapere per diventare buone massaie e buone madri.*

¹¹ Na obra *Entre o Passado e o Futuro* há um texto que Arendt dedica especialmente para tratar desse assunto – O que é autoridade?

cultural? Arendt responde: “ao emancipar-se da autoridade dos adultos, a criança não foi libertada, e sim sujeita a uma autoridade muito mais terrível e verdadeiramente tirânica, que é a tirania da maioria” (Arendt, 2016, p.240). Nos casos em que a maioria estiver seduzida por uma propaganda autoritária, então teremos um grande problema não só educativo, mas político e social. Entendemos que uma geração que foi educada sem a acolhida da tradição que poderia conferir sentido, pertencimento e responsabilidade para com o mundo comum, pode se voltar contra ele. O que vemos no Brasil dos últimos anos, pode ser associado a essa revolta: o levante do anti-intelectualismo, a perseguição e desprezo a Paulo Freire, a estigmatização das universidades como espaços de “balbúrdia”, de enfrentamento e desmonte de um tipo de fé cristã – o que tem afastado muito jovens da universidade, desaconselhados pelos seus pastores¹².

COMO RECONHECER UM DISCURSO ANTIDEMOCRÁTICO

As análises que fizemos sobre as obras de Arendt confirmam a temeridade de se atribuir à política autoritária o papel de estabelecer a verdade dos fatos. As consequências históricas desta atribuição foram de tal modo trágicas que, ainda convivemos com as sombras deste passado não superado. Por este motivo, os exercícios teóricos de elaboração e reelaboração destes eventos continuam sendo absolutamente necessários. O espectro autoritário continua se fazendo presente e se modifica, reinventa estratégias, se atualiza e profere discursos populistas camuflar novos tipos de totalitarismo. Nas palavras de Bucci:

Muito se fala da “pós-verdade” como resultante da conduta de líderes populistas e de seus fanatismos, mas isso é apenas uma das camadas, e das mais superficiais, de uma síndrome mais profunda, mais extensa e mais nefasta. Sob o brilho artificial dos populismos, o que está em marcha é uma cultura inteira, desejosa de fundamentalismos, que se afeiçoou à indústria

¹² O Pastor da igreja Presbiteriana Milton Ribeiro, Ministro da Educação em 2020, afirmou, em culto, que universidades ensinam “sexo sem limites” e que “vale tudo”. (Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YqKHvqplLUw>). Em que pese ter ficado pouco tempo à frente do Ministério, seu discurso como pastor ecoa entre os jovens das igrejas evangélicas que já consideram não frequentar a universidade por ser tratada explicitamente como “lugar perigoso” de uso de drogas e homossexualismo, como se lê nesta reportagem: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63285936>. PODER 360. O novo ministro da Educação, Milton Ribeiro, Poder 360 [canal no YouTube], 11 de julho de 2020.

das celebridades, às adorações da imagem eletrônica, à estetização do ódio e aos “ismos” imantados pela imagem de salvadores de carismas requeitados. (BUCCI, 2019, p. 118-119)

O autor nos traz a noção da existência de um conjunto de condições e afetos que torna um povo mais suscetível aos discursos autoritários¹³. Fato este que corrobora com nosso ponto de que o discurso do autoritarismo não é uma condição inédita da pós-modernidade ou da pós-verdade. Por isso, não é suficiente proteger os estudantes das assim chamadas *Fake News*, é preciso alertar sobre as formas de comunicação política que contribuem para o declínio democrático.

O filósofo Theodor Adorno desenvolveu análises fundamentais sobre os expedientes da propaganda antissemita no âmbito do Instituto de Pesquisa Social, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Suas análises confirmam, complementam e atualizam as análises arendtianas, além de trazer a psicanálise como um valioso instrumento de interpretação da publicidade totalitarista. Em 1950 ele publica a obra *A personalidade autoritária*, onde narra uma vasta pesquisa realizada sobre a natureza do preconceito em suas manifestações individuais, sociais e culturais (2019). Ele buscava compreender como foi possível o nazismo ser uma ideologia convincente e legítima para um número tão grande de pessoas, de modo a viabilizar politicamente o holocausto. O que fez com que tantas pessoas acreditassem na propaganda? Compreender a natureza do ódio e da personalidade autoritária talvez pudesse evitar que o holocausto voltasse a acontecer em qualquer outro lugar do mundo. Fica evidente, assim, a importância deste autor no âmbito das discussões contemporâneas sobre a desordem informacional e a crise da educação.

Após analisar e verificar a existência de padrões e similaridades na propaganda política divulgada em panfletos, periódicos, nos discursos e palestras radiofônicas no período anterior e durante a Segunda Guerra, Adorno publica dois textos voltados à temática da propaganda, são eles: *Antissemitismo e propaganda fascista*, de 1944 e *A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista*, de 1951, onde se pode verificar, a exemplo de Hannah Arendt, uma descrição muito completa sobre as estratégias de

¹³ A análise do conjunto de afetos que predispõe um público a assentir com o discurso autoritário não caberia no escopo deste artigo, exigiria um estudo à parte; uma vez que é uma faceta absolutamente relevante para compreensão do declínio democrático.

propaganda e manipulação incitadas naquele contexto. No sentido de desenvolver nossa problematização inicial como esse discurso encontra nossos jovens estudantes, optamos por trabalhar o discurso proferido em seis de abril de 1967 na Universidade de Viena para a Liga de estudantes socialistas, onde ele atualiza sua leitura sobre as estratégias e apresenta os contornos um novo extremismo em ascensão na Europa. Ele se mostra principalmente preocupado com a fundação do Partido Nacional Democrático da Alemanha, em 1964, que se nutre dos mesmos fundamentos da antiga NSDAP, o que sinaliza o retorno à cena pública dos movimentos radicais que efetivamente nunca teriam sido completamente extintos. Segundo Adorno, a democracia nunca se realizou plenamente em nenhum lugar, especialmente no âmbito socioeconômico e, por isso, o fascismo sempre está à espreita, da mesma forma que uma ferida mal curada volta sempre a abrir e sangrar.

Ele afirma que estes eventos não são meramente ideológicos ou psicológicos, são complexos, devem ser enfrentados com o uso da razão e de forma multidisciplinar. Não há como prever o futuro da ação destes movimentos, mas, também, não podemos ser meros espectadores e vítimas da catástrofe quando ela se avizinha. *Como essas coisas vão evoluir e a responsabilidade sobre como elas vão evoluir – isso depende, em última instância, de nós.* (ADORNO, 2020. p. 77) Assim, é preciso redefinir nossas ações e responsabilidades no enfrentamento do avanço destes movimentos. E a primeira responsabilidade, segundo ele, deve consistir em uma espécie de preservação do dever da memória para com os apoiadores adolescentes e jovens dos novos extremismos *[devemos] alertar os potenciais apoiadores do radicalismo de direita sobre suas consequências, tornar-lhes claro que essa política inevitavelmente conduzirá seus próprios apoiadores à desgraça, e que essa desgraça já é refletida de antemão. [...] Isso vale especialmente para a juventude* (ADORNO, 2020. p. 58). É preciso chamar a atenção da juventude para os velhos pressupostos do fascismo que permanecem presentes (em 1967), sob a forma de truques. É preciso nomear, descrever, caracterizar e demonstrar as consequências dessas ações como fraudes que são, técnicas de enganação psicológica que alcança os desatentos.

Tentar assim vacinar a massa contra esses truques, pois, por fim, ninguém quer ser um idiota, ou, como se diz em Viena, ninguém quer ser “o pateta” [Wurzen]. E o fato de que tudo isso deriva de uma gigantesca técnica de enganação [Wurtztechnik] psicológica, de uma grande trapaça psicológica, isso deve ser completamente mostrado. (ADORNO, 2020. p. 76).

Adorno demonstra que a personalidade autoritária é marcada pela atemporalidade, isto é, é possível perceber seu retorno quando os mesmos elementos voltam à cena com nossos jovens estudantes: a fetichização de tudo o que é militar: roupas, desfiles, insígnias, disciplina; o apego às instâncias oficiais para passar um ar de credibilidade; fixação na autoridade; o medo que a “massa delirante” possui de um comunismo inventado; a desconfiança e perseguição dos intelectuais vistos como desocupados, “luftmensch”, que não produzem nada manualmente; a confusão do materialismo (oposto do idealismo) como apego vulgar às posses e a noção de coletividade como única forma de proteção contra catástrofes sociais. De uma forma geral, estes elementos estavam presentes durante o período totalitarista e retornam à cena na década de 60. Quais seriam, então, as novas marcas do extremismo que devemos estar atentos?

A atualização mais perigosa da propaganda é chamada por Adorno de “efeito cumulativo” em referência aos padrões de comunicação praticados pelo jornal de extrema direita *National Zeitung*. O “efeito cumulativo” consiste no uso de uma linguagem que não é explicitamente antidemocrática nem criminosa, mas “fantasmagórica”. Isto é, fazem uso do que eles entendem por princípio democrático da liberdade de expressão, e realizam insinuações do tipo: se os judeus foram mortos, alguma coisa eles devem ter feito. Até a intensidade da publicação destas insinuações é calculada. Nunca extrapolam o limite do aceitável em respeito à legislação antissemita e antinazista. *Pode-se dizer que todas as expressões ideológicas do radicalismo de direita são caracterizadas por um conflito permanente entre o não-poder-dizer e aquilo que [...] deve fazer a audiência ferver.* (ADORNO, 2020. p. 64). A prática de integrar-se e aderir às regras do jogo democrático é marca dos novos extremismos de direita. Passam a evocar o que eles entendem por “verdadeira democracia” e acusam todos os demais de serem antidemocráticos.

Outro truque decorrente do efeito cumulativo é o do “cerne saudável”, isto é, assentir que os desdobramentos do nazismo foram desastrosos e preservar as intenções iniciais do partido nacional socialista como boas. Assim, seria possível verificar um *cerne saudável* no nazismo, ou como se diz popularmente, não se deve desprezar a água do banho junto com a criança. Se o governo se degenerou por causa da guerra ou por más decisões, então ele poderia agora ser reiniciado e cumprir as promessas de salvação anunciadas anteriormente.

A atualização destes truques sugere que os novos extremismos de direita não necessariamente se valem da invenção de mentiras deliberadas, como afirmava Hannah Arendt em referência ao contexto totalitarista; mas usam verdades, as retiram do seu contexto, distorcem e instalam dúvidas sobre a interpretação que se faz delas. Por exemplo, a dúvida que se coloca sobre o número exato de mortos no holocausto, se foi seis milhões ou cinco milhões e meio, pode culminar na dúvida se houve mesmo mortos. Soma-se a isso o truque da “pedantice pseudocientífica”, isto é, na invenção e disseminação de informações que não podem ser facilmente verificadas, mas servem para confiar a quem as pronuncia uma certa autoridade desinteressada, como se estivessem acima dos interesses ideológicos e partidários, como se tivessem acesso às fontes privilegiadas de informação verdadeira.

Adorno sugere que essas técnicas que deturpam as verdades e não podem ser imediatamente criminalizadas, precisam rapidamente ser estudadas, entendidas e enfrentadas por meios legais e institucionais. *É preciso denunciar o abuso da verdade pela inverdade.* (Adorno, 2020. p. 65). Desde a década de 60, portanto, avançamos muito pouco na compreensão deste fenômeno.

AUTORITARISMO E DESINFORMAÇÃO NA DIGITALIZAÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES

Segundo a dupla de pesquisadores Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017), a expressão *Fake News*, traduzida como notícia falsa, é insuficiente para exprimir a complexidade deste fenômeno que abrange todo um cenário informacional marcado pelo truque ou falseamento. Desinformação – ou desordem informacional – seria um termo mais adequado na contemporaneidade para expressar um padrão que apresentam como sendo disfuncional na comunicação política atual. Não são apenas mentiras, mas o uso de conteúdos

ambíguos ou enganosos, de manchetes que não confirmam o conteúdo, uso de informações corretas fora de contexto, até mesmo uso de mentiras deliberadas disfarçadas de notícias confiáveis. No ano de 2018, a palavra “misinformation” foi eleita como palavra do ano pela plataforma Dictionary.com, que afirmou publicamente que este fenômeno não é aleatório ou mero fruto de um mal-entendido ingênuo, mas é produzido com a intenção de desinformar. Ou seja, a desinformação não é meramente um problema comunicacional, mas político, sociológico e educacional, que se agrava com o advento tecnológico e traz severas complicações para a vida democrática.

A digitalização da política é intensificada pelo fenômeno da plataformização, isto é, de uma nova forma de organização humana e social em torno das cinco principais plataformas digitais: Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft. Setores como a comunicação/jornalismo, a educação, a saúde, o comércio e o transporte, por exemplo, passam a ser estruturados pela dataficação e triagens algorítmicas destas plataformas. Socialmente, a plataformização da internet se expressa e, ao mesmo tempo, se desdobra na formação de inúmeros platôs ou bolhas algorítmicas de coerência e adesão ideológica de um público, que se constitui como principal alvo de interesse do populismo digital.

Buscamos alguns termos técnicos para caracterizar o distúrbio informacional nas redes e encontramos a sigla DATTI, que se refere a “Desinformação Adversarial, Táticas e Técnicas de Influência”¹⁴ (do inglês AMIT - *Adversarial Misinformation and Influence Tactics and Techniques*), que exprime a desinformação sob a forma de ciberataques; e a expressão “comportamento inautêntico coordenado” (do inglês, CIB – *Coordinated Inauthentic Behavior*) que designa o uso de perfis falsos multiplicados com o objetivo de aumentar a audiência e o engajamento do público, sob o comando de uma rede descentralizada e capilarizada, o que dificulta a identificação de autoria e a consequente responsabilização¹⁵.

A desordem informacional conta com a formação, fomento e fidelização dos sujeitos nesses platôs algorítmicos por meio de uma mídia ampla e capilar usada por comunicadores, influencers, representantes de políticos e pseudo especialistas. Inicialmente, estes agentes orientam o público a não mais confiar nem acompanhar os canais abertos de jornalismo e comunicação, o que é a porta de entrada para os simulacros se consolidarem como verdades. Esta proibição é mais uma evidência de discurso autoritário. Esta estratégia, também mapeada

¹⁴ <https://itsrio.org/pt/artigos/novo-tipo-de-ataque-digital-mira-eleicoes/>

¹⁵ Vale lembrar que no dia 06 de setembro de 2021, o Presidente Bolsonaro edita uma medida provisória (MP 1.068) que impede as plataformas digitais (Twitter, Facebook e Google) de atuarem como moderadoras de conteúdos publicados por usuários. A MP foi rejeitada pelo Senado e pelo Supremo Tribunal Federal logo depois.

por Hannah Arendt no texto Verdade e Política (2016a), funda-se no desejo de coerência do público, isto é, o público acreditará mais facilmente em uma informação inventada, porém coerente, do que na verdade¹⁶. É importante salientar que a crença em fatos absurdos como os casos do movimento antivacina ou terraplanismo não vieram à tona por causa da cibernética ou da tecnologia informacional via internet. Informações deste tipo se tornam críveis por certo grupo populacional, pois no bojo da nossa cultura já residia uma desconfiança nas instituições de produção de saber.

A deslegitimação da tradição cultural, associada às novas formas de comunicação que atravessam os espaços de sala de aula matizam a atual crise de transmissão: se antes a escola realizava a transmissão do legado cultural e civilizatório em aliança com o Estado e as famílias, hoje esta função é disputada e financiada por outras instâncias, como a internet e as redes sociais. Esta disputa de discursos – mesmo sendo natural – é profundamente desfavorável para os professores que oferecem uma linguagem e uma estrutura comunicacional bastante diferente dos *influencers*, que afetam e conduzem preferências e visões de mundo dos estudantes. Há uma mutação estrutural da experiência escolar em curso, que desejamos marcar aqui como. Como exemplo da abrangência e alcance desta mutação, destacamos o estudo *Alienígenas na sala de aula* (1995) de Bill Green e Chris Bigum que convoca uma reflexão sobre a manifestação deste novo estudante *alienígena* ou *cyborg*:

As escolas podem perfeitamente se tornar locais singulares, como mundos próprios nos quais *cyborgs* geracionalmente diferentes se encontram e trocam narrativas sobre suas viagens na tecno-realidade — desde que nós nos permitamos reimaginá-los e reconstruí-los de uma forma inteiramente nova, em negociação com aqueles que um dia tomarão nosso lugar. (GREEN, *et. al*, 1995, p. 240)

Considerando as situações vividas no Brasil nos últimos anos em que há – afirmadas e reafirmadas em nível federal – o desprezo ao patrimônio histórico, às construções culturais, científicas e as verdades factuais, entendemos que a crise de transmissão em uma geração *cyborg* pode ser exponencialmente lesiva para nossa democracia.

¹⁶ Essa crença via coerência remonta ainda o que Walter Benjamin (2013) já havia percebido sobre as sensações anestésicas e fantasmagóricas produzidas por certos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa.

Os movimentos conspiratórios, por exemplo, resultam diretamente de uma comunicação política plataformizada, conforme aponta Cesarino (2019, 2020 e 2021) que vem sistematicamente investigando, na perspectiva da antropologia, o populismo da direita radical em meios digitais. Suas pesquisas especialmente voltadas ao processo eleitoral de 2018 no Brasil nos proporcionam elementos comprobatórios de algumas estratégias de produção social da ignorância, e outras atualizadas pela cibercultura, a saber:

cinco funções metalinguísticas básicas que cobrem praticamente todo o conteúdo coletado: i. fronteira antagonística amigo-inimigo; ii. equivalência líder-povo; iii. mobilização permanente através de ameaça e crise; iv. espelhamento do inimigo e inversão de acusações; e v. produção de um canal midiático exclusivo. [...] Dentro da minha experiência de pesquisa, essas cinco funções foram suficientes para praticamente esgotar o universo massivo de conteúdo digital. (CESARINO, 2020 p.94)

As quatro primeiras “funções metalinguísticas” descritas pela autora já estavam presentes como estratégias em outros contextos, por exemplo, a transformação das idiosincrasias do oponente em fraquezas e misérias; o gabinete de propaganda de Hitler foi bastante eficiente em sustentar um espectro permanente de crise cuja única possibilidade de equilíbrio estaria na sustentação do poder nas mãos do *Führer*; e assim por diante. Destacamos especialmente o quinto ponto apresentado pela pesquisadora – a criação dos assim chamados canais midiáticos que correspondem às bolhas algorítmicas transmissoras da propaganda política. Sua eficiência se garante sobretudo pela deslegitimação pública de outras instâncias de produção de conhecimento (notadamente, a academia e a imprensa profissional). A comparação entre as mencionadas funções metalinguísticas e o teste de discurso autoritário de Levitsky e Ziblat evidencia que o discurso autoritário se beneficia e potencializa do fenômeno da desinformação, especialmente em meios digitais.

Cesarino fez uma imersão nos platôs bolsonaristas no período que antecedeu a eleição de Bolsonaro em 2018. Este pleito, juntamente com o de Donald Trump nos Estados Unidos em 2016, foi marcado pela Desinformação Adversarial que se repete no Brasil, no pleito de 2022, com a mesma ou até maior intensidade, apesar de todo o esforço institucional e das agências de checagem. Não é fortuito, portanto, o fato de a

palavra “misinformation” ter sido eleita como palavra do ano pela plataforma Dictionary.com em 2018. Nesta imersão, Cesarino mapeia e descreve as principais técnicas de propaganda beneficiadas pela cibernética que vamos descrever aqui. Todas elas acabam culminando nas funções metalinguísticas descritas acima e contribuem diretamente para a ascensão do discurso autoritário. É um grande risco que nossos estudantes se sintam seduzidos por eles ou, ainda pior, que o reproduzam.

Inicialmente, destacamos o *firehosing* – nomeado assim por representar o fluxo forte e contínuo de uma mangueira de incêndio – técnica que descreve a produção e transmissão bastante rápida, via *whatsapp*, de um alto volume de simulacros idênticos, repetidos de maneiras diferentes e sem compromisso com a realidade, por exemplo: áudios, imagens ou textos alarmistas ou conspiracionistas produzidos por alguém com suposta autoridade nunca comprovada. Considerando os conteúdos mapeados, podemos afirmar que esse *firehosing* operou simulacros de terceira ordem, por serem tão absurdos a ponto de abdicarem da conexão com referentes concretos, como foi o caso do kit gay¹⁷ ou a injeção de detergente para prevenir o Covid-19 nos Estados Unidos.

Destacamos o processo de *redução da complexidade*, que se exprime especialmente pela formação online de comunidades ou *crowds*, especialmente por meio de *hashtags* que simplificam e tornam mais vago o conteúdo e apartam as especificidades das demandas¹⁸.

Outra técnica facilitada pela cibernética e cibercultura mapeada por Cesarino é a comunicação política via *fractal*. Tomada de empréstimo da geometria, a noção de fractal sugere um objeto cujas partes isoladas reproduzem a aparência do todo. Politicamente, a fractalização da comunicação/propaganda se expressa por cada indivíduo que porta um celular/computador conectado à internet e se torna, ele mesmo, um comunicador político, à imagem e semelhança do seu líder. Esse

¹⁷ Em 1.279 dias como presidente, Bolsonaro deu 5.694 declarações falsas ou distorcidas, isso de acordo com a agência de checagem Aos Fatos que é atualizada semanalmente. Última atualização: 03 de julho de 2022. <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/> Acesso em 08/07/2022

¹⁸ Para aprofundamento e exemplificação, sugerimos fortemente a obra de Irineu Barreto *Fake news. Anatomia da desinformação, discurso de ódio e erosão da democracia*. O autor apresenta como a desinformação fez uso destes instrumentos midiáticos no caso do assassinato de Marielle Franco e do ambientalista Dom Phillips.

comportamento é baseado numa (falsa) ideia de que ele mesmo teria uma relação direta com as lideranças – um grupo de *whatsapp*, por exemplo, comporta no máximo 257 participantes, o que dá aos seguidores uma sensação de comunidade e proximidade com os administradores que, por sua vez, estariam suposta e diretamente ligados ao líder.

Cesarino demonstra (2021) como a digitalização da política torna muito mais porosa a fronteira entre o populismo eleitoreiro e a vida pessoal dos sujeitos. As bolhas algorítmicas não se referem apenas aos pressupostos políticos dos sujeitos, mas eles transferem para essas esferas as dinâmicas identitárias e outras sociabilidades, como a religião, o entretenimento ou os esportes.

A digitalização da política em tempos de cibernética alimentou em muito a desconfiança em relação ao Estado e às instituições. Não raro observou-se a militância da extrema direita reivindicando o retorno à ditadura, baseada na crença de que a democracia promove o caos, a desordem e a crise. A desconfiança se estende também aos canais oficiais de produção de conhecimento, além de invisibilizar os autores das mensagens, o que acarreta a impossibilidade de responsabilização pela disseminação das inverdades. A partir da análise que fizemos da pesquisa de Cesarino, concluímos que a principal consequência das interações que passam a ocorrer apenas dentro destas bolhas algorítmicas é a intensificação da incapacidade dos indivíduos se comunicarem com os diferentes, o que é, por si só, um declínio na comunicação política democrática. Dussel (2009, p. 357) alerta inclusive para o fato de que a escola pode pôr em causa a sua própria legitimidade não só de transmissão de cultura, mas enquanto instituição privilegiada de socialização, uma vez que as redes sociais são vistas como espaços públicos comuns¹⁹.

Se a democracia pressupõe a uma vida pública marcada pela convivência com o diferente e pela disposição para o debate, a cibernética oferece aos nossos estudantes o oposto: uma possibilidade de agrupamento de iguais, dos sujeitos fractais que se assemelham ao líder e o seu empoderamento para enfrentar/combater o inimigo com

¹⁹ Para aprofundamento, recomendamos duas obras de Richard Sennett: *O Declínio do homem público e as tiranias da intimidade* (1988) e *Juntos – Os rituais, os prazeres e a política da cooperação* (2018).

a agressividade que se fizer necessária para manter e preservar as ações e os efeitos dos simulacros²⁰.

ANÁLISE COMPARATIVA DAS ESTRATÉGIAS DE PROPAGANDA AUTORITÁRIA

A desordem informacional, enquanto conteúdo propagandeado intencionalmente, não é produto da crise da democracia, mas é, em si, a própria crise porque imprime uma mudança radical na forma como acessamos conteúdos, porque embaça nossa capacidade de decisão política bem como produz condições para o surgimento de um novo conjunto de práticas culturais, identitárias, sociais e política.

O que pretendemos demonstrar com a sequência dos contextos analisados aqui é o quanto os discursos autoritários que se revestem sob a forma de propaganda consistem em grande um risco na medida que ameaçam diretamente a organização da vida pública e declinam a vida democrática uma vez que alienam, manipulam opiniões e padronizam comportamentos. Organizamos a tabela a seguir para tornar mais didática a apresentação das estratégias discursivas autoritárias. Esperamos que possa servir como ferramenta para observação dos discursos que nos alcançam como professores e que possamos traduzir essas estratégias para nossos estudantes.

Quadro 2: Análise comparativa das estratégias de propaganda autoritária

EXTREMISMOS TOTALITÁRIOS		PROPAGANDA CIBERNÉTICA CONTEMPORÂNEA
Hannah Arendt (1951 e 1961) Propaganda totalitária – Segunda Guerra Mundial	Theodor Adorno (1967) A propaganda dos novos extremismos de direita na Europa	Letícia Cesarino (2019 e 2020)
Escândalos sensacionalistas contra a índole dos inimigos inventados e as indiretas, insinuações e ameaças contra aqueles que faziam oposição, que escolhem o lado “errado”. Vagueza	Estímulo à produção de ideias e opiniões, mesmo que sejam violentas ou sádicas. Instalação da dúvida sobre a índole das vítimas do holocausto, sem proferir discursos declaradamente	Bolhas algorítmicas – agrupamentos ideológicos de discussão e trocas políticas – o outro/diferente é excluído dos círculos. Nós x Eles – Amigos x Inimigos Processo de redução da

²⁰ Há que se destacar a recente área do campo das ciências sociais a agnotologia – estudos sobre a ignorância – que estuda sistematicamente as estratégias de produção social da ignorância não só na política mas em outros campos.

<p>Aproveitar-se do desejo de coerência do público.</p> <p>Tornar o argumento impossível de ser verificado</p> <p>Cientificismo ideológico. <i>Positivismo, behaviorismo e pragmatismo.</i></p> <p>Mentiras deliberadas e desprezo pelas verdades factuais</p> <p>Abordagem misteriosa e discursos proféticos.</p>	<p>intolerantes.</p> <p><i>Efeito cumulativo:</i> não falam mentiras diretamente, usam uma linguagem vaga, que não é explicitamente antidemocrática nem criminosa, mas “fantasmagórica” o que sugere adesão às regras do jogo democrático.</p> <p>Irracionalismo – recusa da argumentação racional.</p> <p>Pedantice pseudocientífica</p> <p>Apelo ao “concreto”: uso de dados corretos e irrefutáveis fora de contexto, a serviço de toda esta sorte de histórias malucas e fantasiosas.</p> <p>Doutrina do cerne-saudável – assentir que os desdobramentos foram trágicos, mas defender que a doutrina era muito boa em sua concepção.</p>	<p>complexidade – formação online de <i>crowds</i> unidas sob as <i>hashtags</i> que simplificam o conteúdo e as demandas complexas dos grupos (vagueza dos discursos)</p> <p><i>Firehosing</i> via <i>WhatsApp</i> – enxurrada de narrativas (simulacros de terceira ordem) repassadas insistentemente pela internet.</p> <p>Topologia fractal: o discurso do líder passa a ser reproduzido espontaneamente pelos seguidores, que passam a reproduzi-lo de modo espontâneo, tornando-se um pequeno líder nas mídias sociais.</p>
--	--	---

Fonte: Elaboração pelos autores

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação não é um espaço anódino, ela ocupa um lugar de destaque na guerra de narrativas e, como testemunhamos, na guerra cultural que se instalou em âmbito transnacional. O princípio liberal de neutralidade do Estado, e, por extensão, da escola é um equívoco. A escola é sempre um primeiro alvo a ser disputado pelos projetos de poder. Então, considerando a escola como espaço de construção e experiência de uma cidadania plural, qual grupo estabelecerá os critérios do que é admissível e sobre quais pressupostos? Se o projeto de uma democracia cidadã e plural consiste em efetivar os ideais de igualdade e liberdade, então a escola, enquanto instituição à serviço da cidadania e da democracia, encontra grande função no sentido de (re)inscrever estas ideias no imaginário social. Assim, oferecemos a seguir, a título de horizonte reflexivo, algumas ideias que poderão originar estratégias de proteção contra os discursos autoritários que se revestem de desordem informacional.

Em nosso entendimento, se a escola tem a função de defender os valores democráticos republicanos, então, os valores éticos e políticos que fundam a democracia não podem e não devem ser relativizados pelos sujeitos da educação, tampouco vendidos ou transformados em mercadoria, típica de uma educação *à la carte*, onde as famílias em grupos extremistas decidem o que ensinar e o que é o justo. A escola precisa ter clareza e oferecer clareza aos estudantes e suas famílias sobre os pressupostos que são inegociáveis, da mesma forma que os professores precisam estar dispostos e preparados a dissipar mitos e desinformações sobre a democracia a partir da particularidade dos seus saberes. Assim, cada componente curricular pode participar da construção de uma democracia cidadã a começar pela análise das relações entre suas bases conceituais e epistemológicas e a promoção igualdade.

A ascensão de novos extremismos de direita em vários países e no Brasil demonstrou que tratar deste assunto em momentos pontuais das aulas de história não é suficiente para esclarecer ao universo de adolescentes e jovens sobre o perigo deste passado que constantemente nos revisita. Há um número muito elevado de pessoas com ensino superior completo que apresenta posturas extremistas em relação à democracia. É evidente que não é a educação a responsável por esse levante, mas é preciso pensar para além das responsabilidades, as ações que cada setor da sociedade civil assumirá no enfrentamento do extremismo.

E uma ação que penso ser emergencial é a não tolerância com o surgimento de discursos extremistas em nossas salas de aula. A escola deverá ficar alerta para os sinais ou indicadores de adesão aos extremismos – que nem sempre são explícitos nos adolescentes e nos mais jovens – tem sido cada vez mais comum encontrar símbolos nazistas desenhados nas carteiras e paredes das escolas. Da mesma forma, situações de racismo, preconceito de classe, de gênero, xenofobia e outros preconceitos graves são entendidos e disputados por estudantes e suas famílias como “livre de expressão”, ou então generalizados e mascarados sob a palavra *bullying*. Sugerimos que a escala F de Adorno seja considerada na elaboração e eleição dos indicadores, especialmente os critérios de

agressão autoritária – tendência a vigiar e condenar, rejeitar e punir pessoas que violam os valores convencionais. [...] Anti-intracção: oposição ao

subjetivo, ao imaginativo, ao compassivo. [...] Destrutividade e cinismo: hostilidade generalizada, desprezo pelo humano. (ADORNO, 2019, p.174 e 175)

Para os jovens que demonstrarem esses comportamentos, a escola pode oferecer mecanismos educativos que reforçam o apelo ao jogo a partir das regras democráticas. A questão não é sobre punir ou não punir, mas, pensar o que a escola pode enquanto função educativa para este público. Pensamos no oferecimento de processos formativos especiais em que se apresentará de forma aprofundada e persuasiva (NORVAL, 2007) as regras fundamentais ou as fronteiras que julgamos mais apropriadas ao jogo democrático, a saber: os princípios e significados da igualdade e da liberdade; os instrumentos oficiais criados em defesa destes ideais, como a Constituição Federal, a Declaração Universal dos Direitos Humanos e até do Código Penal; o sentido ôntico e ontológico da dignidade de da pessoa humana, a ética como exercício constante, reflexivo e social e o sentido da justiça no espaço da escola (Schilling e Angelucci, 2016). Além disso, sugerimos a promoção de pequenos “observatórios da verdade” nas escolas, em que estudantes voluntários administrariam um canal de comunicação e fariam a checagem das principais desinformações que alcançam o universo dos estudantes via *whatsapp*. Educar é um ato de responsabilidade para com o mundo, a tradição e o outro.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Unesp, 2020.

ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. Editora Unesp, 2019.

AGUIAR, O. A. Veracidade e propaganda em Hannah Arendt. **Cadernos de Ética e Filosofia Política** 10, 1/2007a, p. 7-17.

AGUIAR, O. A. A política na sociedade do conhecimento. **Trans/Form/Ação [online]**. 2007b, v. 30, n. 1, pp. 11-24. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732007000100002> . Acesso em 1.03.22

ARENDT, H. Verdade e Política. In: **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016a. Kindle version.

ARENDDT, H. A Crise da Educação. In: **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016b. Kindle version.

ARENDDT, H. **A propaganda totalitária**. In: Origens do totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BARRETO, I. **Fake news. Anatomia da desinformação, discurso de ódio e erosão da democracia**. São Paulo: ExpressaJur, 2022. Kindle version.

BENJAMIN, W. **A Obra de arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica** (Org. e Prefácio – Márcio Seligmann-Silva), Tradução: Gabriel Valladão Silva, 1ª Edição, Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

BUCCI, E. Pós-política e corrosão da verdade. **Revista USP**, (116), 19-30. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.voi116p19-30> Acesso em 10/10/2022

BUCCI, E. **Existe democracia sem verdade factual?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Política e educação em Hannah Arendt: distinções, relações e tensões. **Educação e Sociedade**. Jul-Set 2014 <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302014122568> Acesso em 25/01/2022.

CESARINO, L. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**, v. 1, n. 1. Fev. 2020.

CESARINO, L. Identidade e representação no bolsonarismo. Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista De Antropologia**, 62(3), 530 – 557 (2019). <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165232>

CESARINO, L. As ideias voltaram ao lugar? temporalidades não lineares no neoliberalismo autoritário brasileiro e sua infraestrutura digital. **Caderno CRH**, 34, e021022. (2021). <https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.44377>

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. “Alienígenas na sala de aula”. In SILVA, Tomás Tadeu da. (org.) **Alienígenas na sala de aula. Uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1995.

FUNDAÇÃO FHC. **Como morrem as democracias?** Por Steven Levitsky. YouTube, 08/08/2018. Disponível em: <https://fundacaofhc.org.br/iniciativas/debates/como-morrem-as-democracias-por-steven-levitsky>. Acesso em: 08/09/2022.

LEVITSKY, S; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar Editor Ltda., 2018. Kindle version.

LINZ, J. J. **The Breakdown of Democratic Regimes: Crisis, Breakdown, and Reequilibration.** London, The Johns Hopkins Press LTD., 1978

PINHEIRO, P. S.. Autoritarismo e transição. **Revista USP**, nº 45, 1991.
<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25547/27292> Acesso em 18/19/2022.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas, SP. Unicamp, 2007.

SCHILLING, F.; ANGELUCCI, C. Conflitos, violências, injustiças na escola? Caminhos possíveis de uma escola justa. **Cadernos de Pesquisa**, v.46. n.161, p. 694-715, jul./set. 2016.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making.** Council of Europe Report DGI, 2017.
Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em: 17.04.2022.

ZIEMER, Gregor. **Educazione alla morte Come si crea um nazista.** Città Aperta Edizioni: Troina: 2006.

HISTÓRICO

Submetido: 28 de Jan. de 2023.

Aprovado: 25 de Mar. de 2023.

Publicado: 02 de Jun. de 2023.

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT:

GRÜTZMANN, LIDIANE F.; SCHILLING, FLÁVIA I. A desinformação e os discursos autoritários: A democracia ameaçada e o desafio à educação. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade - LES**, v.27, n.54, 2023, eISSN: 2526-8449.